

# **O BULLYING EM PROGRAMAS DE EDUCAÇÃO DE JOVENS E ADULTOS E AS AULAS DE EDUCAÇÃO FÍSICA**

Patrícia Borges Ferreira

Ms. Roosevelt Leão Júnior

Fundação de Ensino Superior de Goiatuba – FESG

Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas – FAFICH

[pati-gtba@hotmail.com](mailto:pati-gtba@hotmail.com)

## **INTRODUÇÃO**

O bullying é um problema constante em nossa sociedade, que atravessou anos sem solução e sem a real busca para uma solução adequada e ainda hoje se faz presente nos lares, nos trabalhos, nos relacionamentos, entre os amigos e nas escolas, com uma literatura escassa e recente. Então o tema abordado nesta pesquisa é o bullying na escola, mais especificamente em programas de EJA, nas aulas de Educação Física.

Nota-se a importância e a necessidade em identificar este problema, visando a segurança, o bem estar e a formação de nossos alunos. Deixo, então, a indagação para que possa ser solucionada no decorrer do trabalho: O bullying está presente nas aulas de educação Física e de que forma ele aparece nos programas de EJA?

O objetivo geral engajador deste trabalho é analisar/observar/coletar dados sobre o bullying nas aulas de Educação Física em programas de EJA (Educação para Jovens e Adultos) na cidade de Goiatuba, GO.

Os objetivos específicos são:

- Investigar a existência do bullying nas aulas de Educação Física em programas EJA na cidade de Goiatuba;
- Examinar propostas com embasamento na literatura científica acerca do problema;

## **O BULLYING E O AMBIENTE ESCOLAR**

Em primeira instância é preciso esclarecer o termo bullying, que para muitos ainda é uma incógnita.

A ABRÁPIA diz que o bullying compreende todas as formas de atitudes agressivas, intencionais e repetidas, que ocorrem sem motivação evidente, adotadas por um ou mais estudantes contra outro (s), causando dor e angústia, executadas dentro de uma relação desigual de poder.

Na mesma linha, de acordo com Middelton-Moz e Zawadski (2007) o bullying é a crueldade deliberadamente voltada aos outros, com intenção de ganhar poder ao infligir sofrimento psicológico e/ou físico.

Deste modo, o bullying se constitui na intenção de oprimir e inferiorizar sua vítima e esta violência pode ocorrer de forma sutil e camuflada, como entre amigas, de forma quase imperceptível aos que assistem; implicitamente, de modo que o bullying não fica claro e evidente; ou explicitamente, acontecendo desde o coagir psicológico, podendo envolver violência física (Middelton-Moz e Zawadski, 2007).

No ato do bullying, os envolvidos se encontram em três categorias:

- **O bully:** o autor do bullying, aquele que pratica a violência;
- **A vítima:** o indivíduo que de algum modo sofre a agressão;
- **As testemunhas:** as pessoas que estão em volta assistindo ao bullying e que, muitas vezes, quando não fazem nada para resolver, ou tentar solucionar a situação, acabam por se tornar coniventes deste ato.

Ainda seguindo a linha de raciocínio de Middelton-Moz e Zawadski (2007), o bully e sua vítima podem se alternar em um relacionamento onde a vítima hora desempenha esta função e outrora assume a postura de bully, da mesma forma pode acontecer com o bully e vice-versa. Uma vítima de bullying também pode vir a se tornar um bully anos mais tarde, como foi possível observar em casos citados pelos autores acima mencionados. Além disso, os bullies podem estar presentes em todos os lugares e nas mais diversas situações.

De acordo com Middelton-Moz e Zawadski (2007, p. 18), o comportamento ultrajante dos bullies é conhecido em relacionamentos, no local de trabalho, em ambientes esportivos ou em lojas, em aeroportos, nas estradas do país, nos bairros, bem como dos pais cujos filhos são assediados continuamente nas escolas.

De acordo com Oliveira e Votre (2006, p. 179), a escola, além de casa do saber, pode desempenhar também o papel de cenário propício ao surgimento de sub comunidades voltadas ao *bullying*, à tortura e ao sofrimento de seus pares. Entre estas comunidades, está a da Educação Física, esporte e lazer. Estes autores citam o trabalho “Discriminação de Gênero nas aulas de Educação Física”, apresentado no Congresso Brasileiro de Ciências do Esporte (FERNANDES, 2005 apud OLIVEIRA e VOTRE, 2006, p. 179), onde foi realizada uma pesquisa de campo na qual foi detectada nas aulas de Educação Física mistas, agressividade e competitividade, principalmente por parte dos meninos com relação às meninas, sendo que as meninas também demonstram este

comportamento entre si. Segundo eles, estudos demonstram que na maioria dos casos de *bullying* as agressões são provocadas por rapazes, porém o sexo das vítimas varia.

Não só em meio às crianças e adolescentes, o *bullying* também pode ser encontrado entre adultos, não só no ambiente de trabalho, mas também no âmbito escolar, em escolas de Educação para Jovens e Adultos – EJA. Bullies que se desenvolveram, se tornaram adultos, sua sede por poder e auto-imposição permanecem intocadas e não se importam em ofender, inferiorizar, agredir e intimidar seus colegas para que satisfaçam seus desejos.

Com relação ao *bullying* em Programas de Educação para Jovens e Adultos, a literatura se mostrou escassa, veja que não foi possível trazer relatos evidenciando este problema, entretanto, a pesquisa realizada nas Escolas Municipais de Goiatuba, nos proporcionará uma pequena visualização dos fatos. Já foi possível notar no cap. II que o *bullying* está presente também entre adultos, mas será que nossos estudantes jovens e adultos são afetados por esta crueldade?

De acordo com Middleton-Moz e Zawadski (2007, p. 127), quando confrontados e responsabilizados por seus atos, os bullies podem se apresentar rancorosos; imprevisíveis; manipuladores; falsos; ardilosos; abusivos; sarcásticos; encantadores; arrogantes; acusadores; críticos; impacientes; superficiais; vingativos; inflexíveis; impulsivos; enganadores; agressivos; irritáveis; autocentrados; ofendidos ou violentos.

Através destes comportamentos pode-se identificar um bullie em ação de defesa, Middleton-Moz e Zawadski deixam claro, que ao contrário do que muitos pensam, o bullie precisa de ajuda, precisamos nos preocupar com ele, dizer-lhe o que sabemos, confrontá-lo, dizer-lhe as conseqüências dos seus comportamentos, para que ele possa mudar a si mesmo.

Os autores Botelho e Souza (2007), citam em seu trabalho estratégias didáticas de intervenção da Educação Física nos casos de *bullying*. Segundo eles, o primeiro passo é a identificação desses casos pelo corpo docente, em seguida, sugerem que sejam aplicados conceitos de ética e de axiologia (estudo dos valores) às atividades desenvolvidas em aulas de Educação Física, posteriormente, deverá ocorrer a aplicação prática destes valores imediatamente no caso de *bullying*, levando a uma reflexão individual e coletiva. Eles ressaltam que ao fazer isso o professor deve tomar cuidado para que não se transforme em bullie na tentativa de proteger as vítimas.

A autora Silva (2009), aconselha a orientação educacional, segundo ela, no caso do *bullying*, esta deve atuar conjuntamente com o pedagógico e as famílias, ela diz

ainda que não há receita pronta para lidar com o problema, a luta contra o bullying ainda é um grande desafio, mas que é possível numa junção de esforços.

## **MÉTODO**

Participarão deste estudo, 63 alunos da rede escolar municipal da cidade de Goiatuba-GO. A participação dos mesmos será voluntária e assegurado o sigilo na identidade dos mesmos. A pesquisa envolverá a utilização de dois instrumentos: um questionário para levantar dados sobre o envolvimento dos sujeitos com o bullying e um sócio-demográfico. Após autorização das diretorias das escolas municipais de Goiatuba-GO, serão procurados os alunos em suas salas de aula para convidá-los a participarem da pesquisa. Antes de iniciar a aplicação dos questionários, serão explicitados aos participantes os objetivos do estudo, breve explicação sobre o termo “bullying” para esclarecimento, o formato dos instrumentos e a maneira correta de preenchê-los. Será destacado ainda o caráter voluntário da participação e o respeito à confidencialidade dos dados individuais dos participantes. Os instrumentos serão entregues aos alunos logo em seguida e recolhidos assim que eles terminarem de responder. Os dados serão submetidos à análise estatística de média e correlação entre as variáveis estudadas.

## **RESULTADOS FINAIS**

Com relação à idade média dos participantes foi de “30,82258” anos e com relação ao gênero 58% eram homens e 42% eram mulheres.

Tratando-se do estado civil dos participantes, 44% eram solteiros, 27% estavam em união estável, 21% encontravam-se casados, 6% divorciados e 2% já eram viúvos, de acordo com a tabela abaixo.

Sobre o grau de escolaridade, 27% dos alunos contribuintes cursavam a 1º Fase do Ensino Fundamental, enquanto que 73% cursavam a 2º Fase do Ensino Fundamental.

Não havia aulas de Educação Física em nenhuma das turmas visitadas para a realização da pesquisa, já que aquela é facultativa ao curso noturnos. De acordo com a LDB ( Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional nº 9.394, de 20 de dezembro de 1996), a educação física, integrada à proposta pedagógica da escola, é componente curricular da Educação Básica, ajustando-se às faixas etárias e às condições da população escolar, sendo facultativa nos cursos noturnos.

Entretanto, uma das questões propostas foi acerca do desejo dos alunos em ter a Disciplina Educação Física em sua grade curricular, 76% dos alunos manifestaram querer estas aulas em seu curso e 24% preferiram não tê-las

Dos alunos participantes na pesquisa, 47% alegaram já ter sofrido bullying e 53% responderam que não passaram por este transtorno no questionário.

Quando questionados quanto à idade que tinham no momento em que foram vítimas de bullying, as respostas foram bem variadas. 52% responderam nunca terem sofrido bullying, 13% disseram que foram vítimas dos 5 aos 11 anos, 6% que foi dos 11 aos 14 anos, 27% com mais de 14 anos e 2% afirmam que foi dos 5 aos 14 anos de idade.

Quanto ao último bullying vivenciado, 52% dos alunos alegaram não terem sido vítimas, 3% responderam ao item “hoje”, 6% responderam que foi nos últimos trinta dias, 8% nos últimos seis meses, 31% alegam ter um ano ou mais.

Com relação ao sentimento da vítima diante do bullying, 61% disseram não terem sido vítimas, 15% não se incomodaram, 6% se sentiram assustados, 6% ficaram com medo, 8% se sentiram mal, 2% não queriam mais ir para a escola, 2% se sentiram mal e ficaram com medo.

Quanto às consequências, 51% não foram vítimas, 21% não tiveram consequências, 18% tiveram algumas consequências ruins, 8% consequências terríveis e o restante de 2% mudaram de escola.

Quanto ao sexo do agressor, 52% dos alunos alegaram não terem sido agredidos, 35% dos agressores foram do sexo masculino, 8% foram do sexo feminino e o restante de 5% envolveu ambos os sexos, conforme demonstrado na tabela abaixo.

Quanto ao tipo de bullying sofrido, as respostas foram variadas passando por intimidações verbais e chegando a sexuais. 51% dos participantes disseram não terem sofrido bullying, 8% sofreram agressão física, 14% foram agredidos verbalmente, 5% sofreram intimidação emocional, 8% passaram por agressão sexual, 1% foi racista, 2% foi físico, emocional sexual e racista, 2% foi físico, verbal e emocional, 5% foi físico, verbal, emocional e racista, 2% foi físico, verbal, emocional e sexual e 2% foi físico e verbal.

Os participantes também foram questionados quanto à prática de bullying, nas respostas obtidas, 74% responderam que nunca praticaram bullying e 26% afirmaram ter praticado.

## **CONSIDERAÇÕES FINAIS**

Um dos objetivos deste estudo foi investigar a existência de bullying nas aulas de Educação Física em programas EJA na cidade de Goiatuba, entretanto, como

revelado acima, nas escolas entrevistadas não havia aulas de Educação Física, amparados pela LDB nº 9.394, de 20 de dezembro de 1996.

Contudo, foi possível perceber que, mesmo não sendo em larga escala na EJA, o bullying acontece também em meio esta população e precisa ser solucionado, com palestras, conscientização e projetos de prevenção e erradicação do bullying dentro das próprias escolas, os próprios alunos aclamam por isto.

A literatura é bem clara e específica quanto aos danos causados pelo bullying em uma sociedade, de acordo com Silva (2009, p.63), as escolas mais sensíveis e atentas às mudanças globais de nosso tempo já estão procurando iniciar processos de inovação e de reforma que poderão abranger os novos desafios.

## **REFERÊNCIAS**

- ABRÁPIA. 2010. Programa de Redução do Comportamento Agressivo entre Estudantes. Disponível em [WWW.bullying.com.br/bconceituacao21.htm](http://WWW.bullying.com.br/bconceituacao21.htm). Acesso em 23 ago. 2010.
- BOTELHO, Rafael Guimarães; SOUZA, José Maurício Capinussú. Bullying e Educação Física na Escola: características, casos, conseqüências e estratégias de intervenção. Revista de Educação Física. n 139, p. 58-70, dezembro. 2007.
- CARDOSO, Fernando Henrique. Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional. Disponível em <http://portal.mec.gov.br> Acesso em 11/10/2010.
- KIDSCAP. Questionários de Pesquisa Kidscap. Disponível em: [WWW.observatoriodainfancia.com.br/IMG](http://WWW.observatoriodainfancia.com.br/IMG) Acesso em 17 ago. 2010.
- MIDDELTON-MOZ, Jane; ZAWADSKI, Mary Lee. Bullying: estratégias de sobrevivência para crianças e adultos. Porto Alegre, RS: artmed. 2007.
- OLIVEIRA, Flavia Fernandes de; VOTRE, Sebastião Josué. Bullying nas aulas de educação física. Movimento. Porto Alegre, v.12, n 02, p. 173-197, maio/agosto 2006.
- SILVA, Ana Beatriz Barbosa. Bullying: mentes perigosas nas escolas. Rio de Janeiro, RJ: fontanar. 2009.

